

## Notas para uma Representação do Cearense entre a Seca e a Migração no final do séc. XIX e Início do Séc. XX

*Notes for a Representation of Cearense between Drought and Migration at the  
end of the 19th century and beginning of the 20th century*

*Apuntes para una Representación de Cearense entre la Sequía y la Migración a  
fines del siglo. XIX y principios del siglo. XX*

*Daniel Barreto Lopes<sup>1</sup>*

**Resumo:** No decorrer do séc. XIX uma vasta produção de textos histórico, literário e jornalístico foi produzida de acordo com ideias científicas. A fusão entre Literatura e Ciência, denominados “romances/ensaios de tese”, foi um dos meios pelos quais intelectuais realizaram uma escrita denunciadora do presente. Pegando como mote o fato histórico das migrações cearenses e sua adaptação ao território amazônico como um problema social, o intuito do artigo é apresentar duas visões distintas de intelectuais e seus respectivos discursos acerca da condição dos cearenses entre a seca e a migração amazônica: Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha. Ambos os intelectuais apresentam, a partir de seus lugares sociais, uma representação do cearense a partir da visão naturalista-científica.

**Palavras-chave:** História, Literatura, Migração.

**Resumen:** Durante el siglo XIX se produjo una vasta producción de textos históricos, literarios y periodísticos de acuerdo con las ideas científicas. La fusión entre Literatura y Ciencia, denominadas “novelas/ensayos de tesis”, fue uno de los medios a través de los cuales los intelectuales llevaron a cabo una escritura denunciadora del presente. Tomando como lema el hecho histórico de las migraciones cearenses y su adaptación en territorio amazónico como problema social, el objetivo del artículo es presentar dos visiones diferentes de intelectuales y sus respectivos discursos sobre la condición del pueblo cearense entre la sequía y la migración amazónica: Rodolfo Teófilo y Euclides da Cunha. Ambos intelectuales presentan, desde sus lugares sociales, una representación de Ceará desde la visión naturalista-científica.

**Palabras clave:** História, Literatura, Migración.

<sup>1</sup> Graduado em História – Universidade Federal do Ceará-UFC. Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. Membro desde 2013 do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória-GEPPM, ligado ao departamento de História da Universidade Federal do Ceará-UFC. Atualmente trabalho na Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Email: danielblopes18@gmail.com

\*\*\*

## Introdução

Rodolfo Teófilo nasceu na Bahia, mas passou toda sua vida ativa no Ceará, atuando como cronista, escritor e farmacêutico. Já Euclides da Cunha foi um engenheiro militar e escritor fluminense, tendo atingido fama pelo seu monumental livro “Os Sertões”, onde cobriu os últimos momentos da expedição militar à Canudos.

Ao analisarmos o campo de atuação político e a formação teórica de ambos, bem como as bases ideológicas em que ambos se utilizaram para interpretar a realidade, encontramos aproximações discursivas através de uma escrita denunciativa e crítica em relação à política migratória e as condições de trabalho extrativista da borracha na Amazônia.

A formação teórica desses intelectuais é amalgamada pela influência filosófica e sociológica pautada em princípios evolutivos, usados para interpretar a marcha civilizatória brasileira. Segundo Eric Hobsbawm, “parecia que a maioria das ciências sociais – etnografia/antropologia, filosofia/linguística, sociologia e diversas escolas importantes de economia – partilhava um quadro básico de pesquisa e teoria com as ciências naturais, o evolucionismo.”<sup>2</sup>

As ideias “estrangeiras” de certa maneira seduziram as elites médias desejosas de modernidade. O positivismo de Augusto Comte e sua fé na “ordem e progresso” projetaram sonhos reformistas nas elites urbanas então em ascensão no Brasil. Livros de Hippolyte Taine, Herbert Spencer, Thomas Buckle, entre outros, circulavam no final do século XIX e início do XX, sendo uma importante influência nas ciências humanas no Brasil.

Com o fim do regime de trabalho escravista, delineou uma visão progressista da sociedade, fazendo com que os intelectuais se engajassem num projeto de reformas sociais em relação à sociedade, condensada em pontos cruciais como: centralização do Estado na vida pública, ação de uma elite técnica e científica, ideal nacional pautado na solidariedade das classes sociais, educação e integração das classes sociais à vida cívica.

No entanto, os vínculos políticos com a elite agrária conservadora, conservando o caráter oligárquico herdada do modelo escravista, tornava inviável o modelo liberal burguês, urbano e industrial, bem como as condições de trabalho favoráveis às classes sociais urbanas e rurais.

---

<sup>2</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. 16ª edição. Paz e Terra, São Paulo, 2013, p. 415.

As contradições da realidade brasileira despertarão um sentimento crítico em relação aos novos rumos do país. É nesse período conturbado que se encontra Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha, que de forma diferenciada se sensibilizarão diante de um mesmo cenário social, tratando de um mesmo tema, e que traduzirão seus anseios através da literatura de denúncia.

### **Literatura e Sociedade**

A partir de uma perspectiva estética pautada no Realismo-Naturalismo presente na segunda metade do séc.XIX, a sociedade multifragmentada vai ganhando uma representação legitimada nas ideias científicas e naturalistas.

Aparentemente, são menos elaborações literárias do que uma análise científica. Em outras palavras, no campo da prosa literária, os chamados “romances de tese” buscavam explicar os fenômenos sociais e o comportamento individual por meios do determinismo condicionado principalmente pelo meio físico ou pela “raça”.

Uma literatura que viesse a ser útil à superação dos problemas da sociedade viria ser a sua fidelidade à ciência, desprovida de elementos românticos e ufanistas, tidos como mascaradores da realidade social, e que procura atribuir uma mensagem objetiva dos fatos.

A tese do historiador Nicolau Sevcenko, onde o caráter contestador transposto na escrita literária se reveste como uma “literatura de missão”, um projeto social que pretende revelar as disparidades sociais do presente e anunciar um tempo novo, liberal, progressista e democrático nos orientou ao traçarmos um perfil da intelectualidade presente em Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha.

Sevcenko (1995) nos ajuda a dimensionar o clima de inconformidade dos intelectuais da época:

Os escritores se encontravam numa situação particularmente estratégica para abarcar toda a gama de conflitos que permeavam a sociedade. Postos à revelia do processo de tomada de decisões, enfeitados pelas elites política e social, desprezados até mesmo no seu labor intelectual, eles sentiram ao mesmo tempo as agruras da necessidade e o arbítrio dos poderosos. Sua identificação com as camadas marginalizadas da população foi por isso imediata, sendo pelo grito de desespero e resistência desses condenados ingênitos que um e outro procuraram afinar o seu clamor crítico.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª edição. Editora Brasiliense, 1995, p. 244.

A relação de identificação desses intelectuais com as classes marginalizadas da população, como mostrado acima, não esconde a ambiguidade entre o intelectual e seu lugar social. Tanto Euclides da Cunha como Rodolfo Teófilo não escaparam ao elitismo característico da maioria dos intelectuais do período. Seu pensamento é típico da contradição entre o “homem de letras” detentor da autoridade do saber e o povo incapaz de tomar as rédeas de seu destino.

Assim, a literatura foi o veículo de informação e divulgação principal escolhido pelos intelectuais brasileiros de finais do séc. XIX “por meio do qual as expectativas de intelectuais engajados na tentativa de reformar ou “civilizar” o país pareciam concretizar-se” (NEVES, 2066, p.90).

Tendo em vista os apontamentos teóricos suscitados acima, adentraremos mais especificamente na nossa temática que gira em torno dos discursos literários sobre as migrações ao território amazônico nas obras de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo. Tais discursos literários concentram os ideais modernos do liberalismo, positivismo e do evolucionismo.

### **A Seca do Ceará (1877-1880)**

Aqui nos cabe fazer uma discussão mais problematizadora sobre como a Seca, fenômeno climático típico da natureza semiárida e catingueira do Ceará, tornou-se um problema de cunho social a partir de 1877, quando ocorre a “Grande Seca do Ceará”, durante até 1879.

A Seca (iniciando agora com letra maiúscula) começa a ganhar espaço nos meios de comunicação da época, seja como justificativa para as migrações dos retirantes, como discurso caritativo e filantrópico ou como um discurso técnico-científico que buscava sobretudo soluções para fixar o trabalhador do campo, por meio de auxílios governamentais capaz de estruturar eficazmente o trabalho no campo.

A tamanha leva de retirantes dirigindo-se às cidades, bem como os relatos de destruição, abandono e miséria e degradação humana nas estradas, fez com que chamasse a atenção da capital Rio de Janeiro, movendo debates intelectuais frente à esta calamidade social.

A criação de obras públicas e frentes de trabalho, para atenuar os efeitos da Seca, dando trabalho e evitando as migrações de mão-de-obra cearense, é um dos exemplos dessas

soluções técnico-científicas que marcam uma ruptura da ordem senhorial e paternalista, uma vez que é o por intermédio do Estado neutralizar o impacto das migrações.

Tais soluções “liberais” é assertivamente discutido pelo historiador Frederico de Castro Neves (2006) como um momento de ruptura da ordem senhorial e paternalista no interior do Ceará a partir de 1877. Analisando artigos literários do escritor José do Patrocínio, que observava da corte os efeitos da Seca no Ceará<sup>4</sup>, Neves (2006) enfatiza o discurso moral do intelectual abolicionista:

O que chama a sua atenção, portanto, mais do que a fome e a miséria das famílias retirantes, mais do que a vulnerabilidade social dos sertanejos, é a degradação dos costumes tradicionais e dos valores morais que, segundo ele, deveriam ser o esteio da própria nacionalidade recentemente constituída e agora ameaçada pela desgraça natural.<sup>5</sup>

A degradação das migrações também era analisada sob a ótica do choque cultural entre um mundo rural tradicional, baseada nas relações “simples” de trocas e favores, e a cidade moderna, impessoal e individual.

Assim, a crítica de José do Patrocínio, representativa de uma parcela de políticos liberais abolicionistas, gira em torno de medidas ineficazes, como por exemplo distribuição de meras esmolas e passagens de trens e navios para migrações. Segundo Neves (2006):

A seca, ao desfazer os laços que unem senhores e camponeses, pela destruição da produção e pela migração generalizada, enfraquece o controle que os senhores de terras exercem sobre toda a sociedade, abrindo espaço para a desagregação social e moral que Patrocínio e outros tantos denunciam. Assim, o tema da seca está intrinsecamente associado ao tema da decadência dos senhores rurais e sua incapacidade de manter o controle sobre as gentes em retirada.<sup>6</sup>

O discurso denunciante da Seca já denota a decadência do idealizado mundo rural patriarcal, bem como os mecanismos tradicionais de atendimento às carências da população pobre em tempos de escassez<sup>7</sup> e a própria subsistência do camponês cearense, agora retirante, obrigado a migrar, agora em busca de trabalho precarizado e degradante.

<sup>4</sup> José do Patrocínio chegou a escrever um romance sobre a Seca no Ceará, intitulado “Os Retirantes”, publicado seus capítulos em folhetins do “Gazeta de Notícias”, concluindo ainda em 1879.

<sup>5</sup> NEVES, Frederico de Castro. Miséria na Literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. *Tempo*. Rio de Janeiro, v.22, p. 80-97, out. 2016, p.84.

<sup>6</sup> NEVES, Frederico de Castro. Miséria na Literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. *Tempo*. Rio de Janeiro, v.22, p. 80-97, out. 2016, p.94.

<sup>7</sup> Alguns exemplos são: distribuição de víveres e dinheiro com verba cedida pelo próprio Imperador D. Pedro I, concessão de favores pelos fazendeiros, permissão para uso de currais abandonados ou cessão temporária de terras férteis, rotas conhecidas rotas em direção às serras, às terras úmidas e às praias, caridade, distribuição de donativos e remédios etc.

Marca assim uma nova ordem social do mundo do trabalho, cuja conjuntura das migrações está inserida: é dever do Estado e de seus intelectuais propor medidas eficazes a fim de canalizar os deslocamentos humanos, permitindo que as províncias a que se destinam os migrantes sejam dotadas de estruturas e formas de trabalho “civilizados”.

### **A Conjuntura das Migrações**

A segunda metade do séc. XIX é marcada pelo avanço vertiginoso da Revolução Industrial e da modernização no mundo capitalista das relações de produção e trabalho. A Europa intensifica sua busca por fontes de matérias-primas na América e na Ásia nesse primeiro período do assim chamado imperialismo ocidental.

O Brasil insere-se na rota do mercado industrial como fornecedor de matérias-primas e importador de tecnologia industrial. No sudeste do Brasil as lavouras de café ensejam um surto emergente de desenvolvimento e dinamização do setor econômico agroexportador, crescimento este que também é emergente no Norte do Brasil com a procura e incentivo da extração do látex nos seringais da região amazônica.<sup>8</sup>

Nascida pelo choque entre culturas diversas durante e após a colonização ibérica, a “civilização” amazônica será marcada sempre pelo desejo de desvendar sua natureza e os povos que a habitam.

Com as narrativas dos viajantes naturalistas, que desde o final do século XVIII se aventuravam nas florestas tropicais, foi construído um conjunto de discursos e imagens sobre a Amazônia e sua cultura essencialmente extrativista. De acordo com o historiador amazônico Márcio Souza,

Com a onda de cientistas viajantes, começa a ser fabricado o renitente mito de que a Amazônia é um vazio demográfico, uma natureza hostil aos homens civilizados, habitada por nativos extremamente primitivos, sem vida política e cultural é a Amazônia terra sem história, que tem permitido toda sorte de intromissão e arbitrariedade.<sup>9</sup>

Esse arcabouço imagético sobre a Amazônia será reatualizado coma a expansão econômica oriunda da extração da borracha amazônica. Denominado como 1º ciclo econômico da borracha, a Amazônia cresce em importância econômica e política em âmbito

---

<sup>8</sup> Esses apontamentos podem ser conferidos no livro do economista Celso Furtado, “Formação Econômica do Brasil.”

<sup>9</sup> SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.76.

nacional e internacional. E muito desse “desenvolvimento” se deve às constantes levas de migrantes vindos principalmente do sertão cearense para trabalhar nos seringais.

É sobre o duro trabalho dos migrantes na floresta, principalmente dos cearenses, que será personificado a natureza da Amazônia como um “Inferno Verde”.<sup>10</sup> Não só a natureza, mas o cearense será representado como o agente destinado a “civilizar” a Amazônia:

A tarefa de transformar o deserto num território habitável, susceptível e compatível à civilização (vista pelos olhos de um homem de vida urbana, como Euclides), era uma tarefa de dificuldades gigantescas, que só poderia ser executada por titãs, traduzidos na figura dos “cearenses, paraibanos e sertanejos nortistas em geral”... representados em homens, que apesar da largueza de sua campanha, não tinham noção da gravidade de seus feitos para os interesses do Brasil, cumprindo suas tarefas absortos, ganhando seus míseros tostões diante de enormes dívidas, para depois se juntar aos ritmos dos demais habitantes da floresta, que só viviam “drinking, gambling and lying – bebendo, dançando, zombando – na mesma doloríssima inconsciência da vida...”<sup>11</sup>

Além de uma escrita denunciativa do fracasso social dos trabalhadores nos rudes trabalhos dos campos seringais amazônicos, foi gestada uma produção imagética e representativa do trabalho civilizatório reservado à Amazônia, e aos cearenses que para lá vão como agentes civilizatórios, porém, em condições de trabalho degradantes.

A visão do cearense como um “titã, porém bárbaro”, será um ponto crucial nas narrativas literárias de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, marcadas pelo processo migratório, em seus respectivos contextos regionais. O que propunham como um projeto político e social estes discursos referentes às migrações amazônicas?

### Visões de um Destino

A temática principal da obra de Euclides da Cunha é a “pátria brasileira”. Seus personagens principais são os agentes naturais, ou seja, o homem e a natureza diante das leis universais da evolução histórica.

Era grande seu interesse sobre as formas de adaptações humanas com o meio natural e o estado psicossociais resultantes dessas adaptações. Foi em grande parte devido à sua experiência na cobertura jornalística na Guerra de Canudos que Euclides descobre a real

<sup>10</sup>Ver o excelente artigo Francisco Foot Hardman, “A Amazônia como Voragem da História: impasses de uma representação literária.”

<sup>11</sup>CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. *Caboclos titânicos no Inferno Verde: Trabalhadores migrantes cearenses entre a história, a memória e a literatura*. IX SEMANA DE HISTÓRIA o ensino e a pesquisa de História no Amapá: perspectivas e desafios, p. 4.

situação de uma parte do Brasil até então desconhecido pelas elites da então recente República brasileira.

No *Os Sertões*, o sertanejo é a síntese do *struggle for life* (luta pela vida), o “hércules-quasímodo” brasileiro, forjado pela miscigenação das raças e pela natureza adversa. A formação congênita do sertanejo denuncia aquilo que Euclides denomina como os elementos atávicos do atraso social do sertanejo: o índio perseguido e nômade, o negro escravizado e o português nostálgico.

Contudo, Euclides da Cunha compreende que as estruturas desequilibradas da sociedade brasileira obliteram o caminho da superação desses elementos biológicos do atraso social, gerando um distanciamento sociocultural e espacial entre o litoral civilizado e o sertão “bárbaro”.

Sem as mínimas condições de vivência, sob domínio do latifúndio, como os pobres sertanejos seriam dessa maneira integrados à civilização? Para Euclides da Cunha, o sertanejo não é um bárbaro fanático, é antes de tudo um forte, que só precisa de um ajustamento material que lhe proporcione condições para sua evolução.

A obsessão de Euclides quanto à nação brasileira era sua redenção a partir do conceito evolucionista da raça e do meio, proporcionando a correta evolução social do país, agora através da integração nacional pela raça, levada à cabo pela migração à Amazônia, última fronteira brasileira ainda a ser colonizada.

Se no livro *Os Sertões* a denúncia ganhava ainda contornos sólidos, com a edição póstuma de seu livro *À Margem da História*, em 1909, Euclides refina sua crítica quanto à realidade brasileira, analisando *in loco* a região amazônica colonizada pelas recentes levas de imigrantes.

Designado pelo governo brasileiro como chefe de uma expedição de reconhecimento da região do Alto Purus, Euclides publica vários textos sobre sua experiência de viagem, realizando um rigoroso estudo sobre as condições sociais dos colonos e de como estes se adaptaram à terra amazônica. Euclides da Cunha nos legou uma das críticas mais contundentes sobre a exploração a que eram submetidos os trabalhadores seringueiros, defendendo inclusive uma política imigratória baseada em leis trabalhistas que regulassem o trabalho nos seringais.

Numa escrita sintética entre uma elocução científica e uma retórica telúrica, Euclides da Cunha relata o encontro dos migrantes coma a natureza amazônica:

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: a ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes.<sup>12</sup>

Aqui vemos a exuberante natureza impondo-se sobre o homem, que se apequena diante desta “força natural”. As migrações desempenhariam o importante papel para a rápida integração amazônica à civilização moderna por meio do trabalho racional se fosse acompanhada por melhores recursos para uma ação pronta na formação de uma estrutura industrial racional e equilibrada.

O trabalho “homérico” dos sertanejos nos seringais faria com que finalmente a Amazônia se integrasse ao Brasil. No entanto, a fonte de todos os conflitos, tensões e lutas giravam em torno do sistema capitalista de exploração da extração da borracha, na qual Euclides da Cunha denunciou veementemente.

“Nas paragens exuberantes da héveas e castilhoas, o aguarda a mais criminoso organização do trabalho”<sup>13</sup>, assim descreve Euclides da Cunha sobre as condições de trabalho com que os imigrantes/colonos se encontravam. Aqui transcrevemos uma longa passagem do livro “À Margem da História” que nos mostra a dura realidade dos migrantes cearenses:

De feito, o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se... No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até o Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, numa gaiola qualquer, de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses...<sup>14</sup>

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros, p. 23.

<sup>13</sup> CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros, p. 28.

<sup>14</sup> CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros, p. 28-29.

Os benefícios de uma integração pela via migratória são obstaculizados pela falta de um planejamento para a acomodação dos migrantes ao então desconhecido ambiente amazônico:

O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário. Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 “estradas” numa légua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de acordo com a unidade agrícola corrente, cinquenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se vêem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas “estradas”: tem cerca de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3.000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos... É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra.<sup>15</sup>

A denúncia social contida nas contundentes palavras de Euclides da Cunha nos revela a degradação do homem causada pela estrutura latifundiária da exploração do seringal.

A crítica euclidiana não é contra a migração ao território amazônico e nem contra a promoção da industrialização no interior do país. Sua ênfase analítica toca na questão da exploração pelo trabalho e a distribuição desigual da terra, causando assim enorme desigualdade social.

A imagem da desolação dos migrantes, principalmente cearenses, da região amazônica e sua representação na literatura entre o final do século XIX e início do XX predomina como padrão estético da literatura naturalista do Norte.

Até agora vimos as migrações cearenses sob a ótica amazônica, retratado aqui nos escritos de Euclides da Cunha. A fim de estabelecermos possíveis conexões teóricas e comparações literárias, tomemos agora a experiência social de Rodolfo Teófilo, na qual analisa as migrações cearenses atreladas ao fenômeno natural e social da Seca no Ceará, principalmente no romance “O Paroara” de 1899.

Com a crise agrária causada pela Grande Seca de 1877-1879, a imigração cearense à região amazônica ganha proporções mais consistentes e uma política estatal mais preocupada com os rumos destas migrações.

As experiências migratórias ao norte amazônico proporcionarão um amplo debate local em torno das condições sociais e humanas dos migrantes cearenses no território amazônico.

---

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros, p. 30.

Rodolfo Teófilo elabora sua literatura de denúncia às políticas migratórias cearenses sob o binômio naturalista “homem-terra”. Disserta sobre os problemas estruturais da sociedade cearense, principalmente dos camponeses assolados pelas Secas.

Suas observações sobre o fenômeno da Seca no Ceará revela uma preocupação científica em revelar as verdadeiras causas das mazelas que aflige o povo cearense, duplamente refém da injusta estrutura latifundiária e vítima da ignorância e do atraso sociocultural.

Conhecedor profundo dos problemas sanitários que assolam o Ceará, a combativa personalidade de Rodolfo Teófilo se expressa na escrita denunciativa e punitiva sobre o descaso do governo em relação às condições “degenerantes” dos camponeses cearenses.

A estrutura fundiária, o mandonismo local e a política paternalista da oligarquia republicana de Nogueira Acciolly são fatores incisivos no atraso social das camadas pobres do meio rural cearense.

Só uma ação educativa, sanitária e higiênica contundente sobre a população rural para desviar o curso da “barbárie” do cearense. Por isso, eis a síntese da interpretação de Rodolfo Teófilo sobre o que ele acredita ser a verdade sobre o migrante/retirante cearense:

Era a inconstância das chuvas, a indiferença dos podres públicos, a má semente do barco que não deu fruto, que os fazia sair, diziam, mas não diziam a verdade inteira. O fatalismo inato neles, o nomadismo atávico e mais ainda a sugestão dos maços de dinheiro dos paroaras, eram estes os verdadeiros fatores da emigração.<sup>16</sup>

O estado de “selvageria” provocado pelas Secas induz o pobre camponês a condições instáveis no habitat e consequentemente ao problema do “nomadismo” cearense, denunciado aqui por Teófilo.

Essa condição de não fixidez à terra também é determinada pela herança biológica do processo de miscigenação do cearense. No tocante às migrações, Rodolfo Teófilo condensa sua visão particular sobre as causas e consequências das migrações na formação da sociedade cearense.

Rodolfo Teófilo descreve o homem formado dentro de uma tradição construída pela formação miscigenada do cearense, resultado do processo de conquista dos índios selvagens e pela efetiva colonização portuguesa. Para Teófilo, o cearense é o herdeiro direto da cultura indígena, conservando seus traços de nomadismo.

---

<sup>16</sup> THEOPHILO, Rodolfo. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974, p. 225.

Escrita com forte denotação descritiva, explorando através de imagens fortes o estado social do sertanejo cearense habituado ao rude trabalho no trato da terra, Rodolfo Teófilo procurou também denunciar justamente a exploração e o estado calamitoso do camponês cearense.

Se em “A Fome”, livro da estreia fictícia publicado em 1890, Rodolfo Teófilo expõe de modo mais chocante a experiência de uma família de retirantes da Seca, em “O Paroara” Rodolfo Teófilo visualiza o contexto das migrações cearenses analisando o espaço de experiência histórico da formação da região sertaneja e a política da época, representada pela oligarquia de Nogueira Acioly, na qual Teófilo foi um feroz crítico.

Todo esse arcabouço interpretativo é justificado no personagem principal da obra, João das Neves, caboclo sertanejo que desde o nascimento é marcado pelo elemento determinista da raça.

As necessidades impostas pelo meio a João das Neves o levam sempre a agir de forma inconsciente e enérgica, sempre de acordo com as emergências do momento.

A indolência é representada no trabalho com a terra. Até mesmo na escolha de uma mulher para sua companhia, João das Neves procura não a mais bela, mas a mais robusta, para que possa lhe ajudar na labuta diária. A seca está sempre presente no pensamento de João das Neves, sempre esperando que o período das chuvas seja generoso, mas sem realizar nenhuma providência.

Quando não chove e a Seca se instala, João das Neves e os demais sertanejos, presos à estrutura fundiária do sertão, acabam por emigrar em busca de sobrevivência. O atraso social e político resulta na condição degradante do cearense, impelindo-o às migrações constantes. Um dos destinos das migrações era a Amazônia, destino não menos cruel para um povo acostumado ao sofrimento.

Na conjuntura econômica-social que propiciou a força de trabalho migrante, surge a personagem do Paroara, agenciador de trabalhadores cearenses para a extração da borracha na Amazônia. João das Neves e alguns incautos sertanejos decidem atender ao chamado do paroara, que os ilude com promessas de dinheiro e riquezas do “ouro branco”. João das Neves deixa a esposa e os filhos e parte, só prometendo voltar rico.

Na segunda parte do livro, a narrativa centra-se na “odisseia” dos sertanejos rumo aos campos amazônicos. A experiência de João das Neves na Amazônia é pintada por Rodolfo Teófilo como uma condição pior do que a Seca no Ceará.

A exploração pelo trabalho, as doenças, o desamparo, as brigas entre os colonos, a escassez de mulher e a luta com os indígenas pelo espaço vital, todos esses fatores aqui resumidos são elencados de maneira detalhada por Rodolfo Teófilo.

Entrevemos assim que a migração cearense para a Amazônia é mais dura do que a realidade das secas, uma consequência do descaso das autoridades políticas, fazendo com que o sertão cearense perca boa parte de seus camponeses para o “mundo ilusório” da Amazônia.

A fim de comparação, a crítica de Rodolfo Teófilo encontra semelhança na mensagem designada à Assembleia Legislativa do Ceará, em 1899:

Das causas cooperadoras do pouco incremento da nossa agricultura e mais indústrias e de outras perturbações da nossa economia interna, nenhuma se avanta a essa lastimável corrente emigratória que, de annos a esta parte, tem se estabelecido, sempre em escala ascendente, para a região amazônica, e a que somos forçados a assistir com a consciência do mal, que nos ocasiona, e com o desespero da carência de meios para cortá-la. É espantoso e desanimador o impulso que, dia a dia, vae tomando esta funesta influência, que não cede ante o incessante exemplo do sacrificio de uns, da desilusão de outros e do arrependimento de todos.<sup>17</sup>

Analisando a mensagem acima, vê-se do governo a preocupação com a perda vertiginosa de braços para a agricultura e a industrialização do Ceará, desestruturando os laços tradicionais de paternalistas de trabalho no campo e a esfera das eleições políticas nos “curraes eleitorais”.

Eis a principal preocupação da oligarquia cearense. Já para Rodolfo Teófilo, a fixação do cearense ao território era fator decisivo para o desenvolvimento sociológico dos cearenses. Rodolfo Teófilo não deixa de alertar que o destino cearense na Amazônia só piora a situação desalentadora do cearense. Os que conseguem retornar do “inferno verde” encontram-se não menos desafortunados do que aqueles que ficaram.

O drama social do migrante é transposto numa das passagens literárias mais contundentes e realistas da literatura brasileira:

- Morreram... todos... de... fome...  
Estas quatro palavras murmuradas pausada e docemente, numa candência de suspiro, que sai com a vida daquele coração torturado de mãe, ouvia-os João das Neves e jamais a garra do remorso foi tão pronta em dilacerar um espírito atribulado e pelas arestas da ofendida consciência.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Relatórios dos Presidentes da Província do Ceará 1889-1906. *Mensagem de 1899*, s/p. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/ceara>.

<sup>18</sup> THEOPHILO, Rodolfo. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974, p. 240.

Rodolfo Teófilo expressa assim ao leitor sua visão negativa sobre a migração cearense, deixando como alerta a trágica história de João das Neves.

### Considerações acerca dos Discursos

Nosso objetivo foi mostrar as diversas visões sobre as migrações cearenses ao território amazônico. Conforme atesta Cardoso (2010, p.14), estava em cena ali um conjunto de representações do mundo amazônico sustentados por dois conceitos antagônicos: a Amazônia do “Eldorado” e a Amazônia do “Inferno Verde”. Segundo o autor:

As dimensões do *Eldorado* amazônico tiveram sua gênese no exame, por parte dos trabalhadores migrantes, dos problemas enfrentados cotidianamente, que serviram como norteadores da elaboração do conceito a partir de *contrapontos*, de antíteses que marcavam as diferenças entre o que era estorvo no Ceará, e o que era um animador porvir na Amazônia.<sup>19</sup>

Diante de um cenário de penúria no Ceará, ocasionado pela estiagem que agravava as plantações do pequeno agricultor cearense e sua família, o contraponto com o norte amazônico, vista como uma terra sem Seca, traz a imagem de uma terra prometida, a ser buscada.

O *boom* da borracha no final do século XIX também consubstanciava numa imagem de terra farta. Nas muitas experiências de idas e voltas, entre o Ceará e a Amazônia, insere-se aí a figura do Paroara e suas promessas de opulência aos pobres retirantes, “que enxergavam a Amazônia através das palavras do Paroara, como uma espécie de antítese de um Ceará de estiagens, de dificuldades, onde o trabalho poderia render prosperidade rapidamente” (CARDOSO, 2010, p.10).

Com a figura do Paroara, começava-se a compreender, pela ótica dos sujeitos que migravam, que o imaginário de fartura amazônico era uma retórica de convencimento e agenciamento:

...um lugar onde não existiam carências alimentares, onde um “homem forte do sertão” não teria dificuldades de enriquecer numa “terra mole”, facilmente domada pelo braço acostumado a falta de chuvas. No entanto, todas essas cores borravam a partir na entrada no vapor, o mundo das águas já começava a provocar estranhamento no ato do embarque com a imensidão oceânica, além da parca alimentação.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. Ecos de Blasphemias e Ranger de Dentes: trajetórias de migrantes Ceará-Amazônia e o ofício dos paroaras (1852-1877). Ceará, *Embornal*, v. 01, n. 1, 2010, p.17.

<sup>20</sup> CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. Ecos de Blasphemias e Ranger de Dentes: trajetórias de migrantes Ceará-Amazônia e o ofício dos paroaras (1852-1877). Ceará, *Embornal*, v. 01, n. 1, 2010, p.8.

Começava-se já no embarque para a Amazônia a construir-se a imagem de um “Inferno Verde”, desde sua travessia até a chegada aos seringais, tão bem relatada nas páginas do livro de Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha.

Tais representações imagéticas das migrações amazônicas ensejaram também uma imagem cristalizada do cearense “nômade”, sempre atrelada às secas e, conseqüentemente, à miséria e atraso social.

É possível estabelecer, a partir dos lugares sociais dos intelectuais e de seus discursos tratados aqui, de como formou-se uma determinada identidade cearense ligada ao sacrifício das migrações. Para Rodolfo Teófilo, o nomadismo atávico do cearense, aliado à brutalidade de uma terra árida, forjaram as condições degradantes que impulsionaram o cearense para o desconhecido.

Para Euclides da Cunha, é principalmente ao cearense dado o fardo da civilização a se cumprir na Amazônia, mas em condições em que o trabalho se assemelha ao da escravidão. Dessa realidade sociocultural, o trabalhador cearense é tido como estoico por natureza, sendo ressignificada em variados contextos históricos.

A atribuição de valor cultural ao cearense migrante, assim, é essencial para o entendimento sociocultural das migrações e deslocamentos inter-regionais. As representações da “cearensidade” migrante está ligado sobretudo a relações contextuais de cada momento histórico, resultados de consensos e disputas de memórias.

Tal discurso projetado à época, referente a condição migrante cearense, embasada sob com as ideias intelectuais da época, foi determinante para a constituição de memória coletiva de um modo de ser cearense, constituindo seu mais íntimo traço.

Viviane Lima de Moraes tece uma crítica ao que se convencionou a chamar “cearensimo”: um conjunto de valores Moraes que definem o ser cearense, que acabaram por ganhar notória circulação, até os dias atuais: morosidade, estoicismo, inconstância monádica força, destreza, entre outros traços. Segundo Viviane Lima de Moraes,

...as bases intelectuais desse conceito terminam por esvaziar todo o conteúdo sociocultural que constitui a ação migratória no Ceará em períodos de seca e fora dele. Também retiram do migrante a capacidade de atuar como agente histórico e minimizam a importância das migrações internas na constituição do cenário político e econômico do Brasil no século XIX.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> MORAES, Viviane Lima de. Representações do Migrante: o cearense e a questão do nomadismo no século XIX. São Paulo, *Proj. História*, v.27, 2003, p.271.

Reside aí o desafio de “resgatar” a memória coletiva das migrações cearenses de imaginários coletivos cristalizados pautados nas narrativas acerca da marcha civilizatória linear impulsionadora do progresso e melhoramento das sociedades.

Sob novos estudos, refletindo sobre os usos desse passado na contemporaneidade e sob diversos projetos políticos de memória, também trazendo o migrante como agente histórico capaz de traçar seu próprio destino e de suas escolhas, é possível trazer novos olhares históricos sobre o migrante cearense.

### **Considerações Finais**

A temática trabalhada neste artigo possui forte ressonância tanto no campo da literatura como no campo da historiografia brasileira. É através desse paralelo entre História e Literatura que resolvemos problematizar a questão das migrações internas no período da segunda metade do século XIX.

A partir das representações literárias, mas também de uma História das Ideias, relacionar o tema das migrações à região amazônica com a visão dos intelectuais e o seu respectivo lugar social. Os fatores históricos decisivos para a constatação de que o “projeto” político-econômico das migrações para o norte amazônico era uma questão a ser debatida suscitou uma significativa produção literária realizada por camada da intelectualidade elitista descontente com os rumos dos deslocamentos populacionais.

Os escritores que nos serviram de inspiração para o desenvolvimento da questão proposta pelo artigo, Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, nos proporcionam uma rica problematização que gira em torno de ideias e conceitos que são utilizados para abarcar o fenômeno das migrações e lançarem seus respectivos discursos ideológicos. A partir de uma base ideológico-interpretativos comuns, ambos os escritores versaram sobre diferentes propostas sobre a questão das migrações amazônicas.

O tema das migrações é discutido aqui levando-se em conta os diferentes discursos que projetaram “visões” sobre as migrações à região amazônica em contextos sociais distintos, tendo como paradigma a exemplaridade do processo civilizatório. Ambos se aproximam no que tange à crítica da exploração dos migrantes nos seringais amazônicos, que visibilizam o fracasso social das migrações brasileiras.

No entanto, Rodolfo Teófilo é tacitamente contra as migrações cearenses para a Amazônia, alegando a expatriação do povo cearense e as subsequentes sequelas que tal propensão “nômada” acarretava o estado constante de selvageria psicossocial do cearense.

Para Euclides da Cunha, a imigração seria o grande *leitmotiv* histórico para que o Brasil finalmente completasse seu processo civilizatório, superando as distâncias geográficas e sociais do território brasileiro. A homogeneização da raça brasileira dar-se-ia pela integração social das regiões brasileiras.

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de discussão e de encontrar respostas totalizantes, nossa questão historiográfica especificou-se apenas no horizonte amazônico das migrações vista por intelectuais diretamente ligados à questão.

Contudo, não deixamos de atentar para os paradoxos gerados pela questão historiográfica abordada aqui. Por exemplo, com o maior fluxo de migrações a partir da segunda metade do século XIX e o falecimento das medidas provisórias de auxílio da população, as migrações eram inevitáveis.

Porém, com o retorno de alguns sertanejos da Amazônia, a visibilidade do *Eldorado* amazônico vai arrefecendo, deixando de ser atrativo, muito em conta por parte das narrativas que vão sendo contadas por aqueles que voltam, transformando-se muitas vezes em “Lendas e Canções Populares”, que nos revelam o fenômeno das migrações vista pela ótica do sujeito migrante, inconformado diante das dificuldades, que vê na migração uma poderosa arma de resistência.

Outra questão seriam a ambiguidade do processo civilizatório das migrações, uma vez que são retirantes cearenses, fugindo das secas, que lutam e conseguem sobreviver na Amazônia.

Qual o preço a ser pago pela civilização? São questões como essa que merecem maiores pesquisas, sendo aqui no presente trabalho apenas um apontamento de notas sobre as representações dos migrantes cearenses.

### **Referências Bibliográficas**

CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. Ecos de Blasphemias e Ranger de Dentes: trajetórias de migrantes Ceará-Amazônia e o ofício dos paroaras (1852-1877). Ceará, *Embormal*, v. 01, n. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. *Caboclos titânicos no Inferno Verde: Trabalhadores migrantes cearenses entre a história, a memória e a literatura*. IX SEMANA DE HISTÓRIA o ensino e a pesquisa de História no Amapá: perspectivas e desafios.

CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 14ª ed. São Paulo, Nacional, 1976.

HARDMAM, Francisco Foot. *A Amazônia como Voragem da História: impasses de uma representação literária*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, pp. 141-152.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. 16ª edição. Paz e Terra, São Paulo, 2013.

MORAES, Viviane Lima de. Representações do Migrante: o cearense e a questão do nomadismo no século XIX. São Paulo, *Proj. História*, v.27, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Miséria na Literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. *Tempo*. Rio de Janeiro, v.22, p. 80-97, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª edição. Editora Brasiliense, 1995.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

THEOPHILO, Rodolfo. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.

Data de submissão: 26/09/2022

Data de aprovação: 07/10/2022